



Data: 25.07.2020

Titulo: "ESTOU HABITUADA A TER UMA OPOSIÇÃO MUITO VIVA"

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;15



Clara Raposo
Presidente do ISEG

**"ESTOU
HABITUADA
A TER UMA
OPOSIÇÃO
MUITO VIVA"**

E15

Área: 1021cm² / 39%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6903503



ENSINO

Clara Raposo Presidente do ISEG Lisbon — School of Economics and Management

“Não encaro isto como um concurso de popularidade”

Textos **ANA SOFIA SANTOS**
Foto **ANA BAIÃO**

Clara Raposo irradia energia e, antes mesmo das perguntas surgirem e enquanto a máquina fotográfica dispara, logo discorre sobre o desafio de estar à frente de uma escola “heterogénea”, em que a “diversidade de opinião” e o “espírito crítico” fazem parte do ADN. “No que é que eu me fui meter!”, atira enquanto solta uma gargalhada, deixando ler nas entrelinhas que, na realidade, se sente muito bem no cargo de presidente do ISEG Lisbon — School of Economics & Management.

Faz da equipa de docentes há uma década e, desde há dois anos, é a primeira mulher a liderar o ISEG — na tomada de posse leu uma lista com 39 nomes de homens seus antecessores —, que celebra 110 anos em

2021, “embora existam registos anteriores”. “Passei por várias escolas e isso fez-me apreciar mais o estilo de formação e de orientação que encontramos no ISEG”, revela, concretizando tratar-se de uma instituição de ensino “muito genuína”. “Não é por se falar em sustentabilidade ou em novo capitalismo que o ISEG vai atrás, mantém-se atual ao longo dos tempos e, hoje, tem uma maior preocupação em olhar para as várias áreas do conhecimento e o seu papel para se tomarem boas decisões quer na gestão quer na economia.” Ao tocar na importância da pluralidade, Clara Raposo volta ao início da conversa sobre o “ambiente difícil de gerir” que a confronta com “diferentes sensibilidades, opiniões distintas”, de uma comunidade que reúne “desde economistas, a sociólogos, pessoas da gestão ou da matemática”. Todos habituados “a inten-

so debate dentro de uma escola de vanguarda e de pensamento muito livre”.

Os anos que a presidente do ISEG passou em Oxford (Inglaterra) ajudam neste papel de liderança, pois ali os grandes temas eram pensados graças à multidisciplinaridade, “além das pequeninas coisas que fazem parte da investigação”. “Nessa época estava longe de pensar em trabalhar no ISEG e de vir para direção”, refere, explicando que o processo de seleção do seu nome foi norteado por uma vontade de mudança para que fosse dado um impulso à área da gestão — bem como à formação executiva —, privilegiando alguém que “percebesse de economia e fizesse o equilíbrio entre estas duas vertentes”. Clara Raposo é economista de base e professora de gestão na área das finanças e consegue “ver este agrega-

ACERCA DE...

EXCEDENTE ORÇAMENTAL

“É uma grande ajuda porque credibiliza qualquer pedido de ajuda junto da União Europeia, da qual estamos muito dependentes para superar esta crise”

UNIÃO EUROPEIA

“Era bom que a recuperação [no seio dos Estados-membros] fosse vista em bloco em vez de se estarem a fazer divisões por país”

ENDIVIDAMENTO

“Os mecanismos de dívida [como resposta à crise] são pouco imaginativos e penalizadores”



do que compõe o ISEG como uma coisa positiva e identificar o potencial de internacionalização”.

Entrada nos *rankings* do “Financial Times”

Em meados de junho, o ISEG estreou-se nos reputados *rankings* do “Financial Times”, numa entrada direta para 31ª posição na lista dos melhores mestrados em finanças do mundo. “Fizemos este percurso bastante mais tarde do que outras escolas portuguesas, porque terá havido uma certa relutância. De facto, não são só as creditações e os *rankings* que interessam, pois medem uma parte do funcionamento das escolas, mas não contabilizam toda a essência e com profundidade as diversas realidades.” No entanto, Clara Raposo sinaliza, que “estar lá” é importante para o reconhecimento do ISEG lá fora, bem como no mercado interno. “Quer professores quer estudantes querem estar numa escola com reconhecimento internacional, até porque, hoje, as carreiras não são feitas apenas num país”, faz notar.

Sobre o que gosta menos e mais nas funções atuais, começa por indicar os aspetos negativos: “A burocracia e ter pouco suporte administrativo. Tenho grande dificuldade para recrutar pessoas porque esta é uma escola pública [pertence à Universidade de Lisboa] — não temos sequer um regime fundacional — e funcionamos de acordo com a regras definidas para os trabalhadores do Estado e tem havido restrições nas contratações.”

Do lado positivo, assinala “trabalhar com os estudantes — ouvir aquilo que os inquieta



— e preparar o que é relevante para eles e que pode ajudar a melhorar o funcionamento do mundo, da economia, das empresas e de outros tipo de organizações”. Frisa, de novo, a importância de “estar atenta a outras áreas que devem ser tidas em conta na forma como a economia e as ciências empresariais devem ser desenvolvidas”, nomeadamente as questões ambientais. Estar na gestão da escola dá-lhe uma maior capacidade de “atuação a esse nível do que apenas como professora de finanças” e essa é outra mais-valia do cargo. Indica ainda que a sustentabilidade é um campo onde está a apostar em termos de formação e aponta que, a crise mundial provocada pela pandemia, é uma oportunidade para colocar o planeta mais no centro da equação das decisões económicas, “avaliando os projetos de investimento também em função do impacto que têm no ambiente, ou seja, trazendo mais ciência para estas análises”. Mas isto só será possível “com uma União Europeia capaz de fazer seguir esta via dentro de portas e que tenha peso para influenciar outros blocos”.

Sobre a forma como lidera, Clara Raposo reforça que ouve

com atenção o que lhe dizem e procura “consensos”, mas sendo difícil chegar à “unanimidade” na gestão de uma escola multifacetada, tem de “fazer escolhas” e, nessas alturas, não hesita e decide. “Nunca agradamos a todos e, às vezes, é preciso arriscar”, aponta, frisando estar “habituada a ter uma oposição muito viva em todas as decisões que são tomadas”. “Temos de estar preparados para esse embate. Não encaro isto como um concurso de popularidade.”

Outro mandato: “É cedo”

Na sua opinião, quatro anos — o tempo do seu mandato — chegam para se fazer “um bom trabalho” e, estando a meio da jornada, “é cedo” para pensar numa renovação. Tem sido uma experiência intensa, sobretudo, nos últimos meses com a covid-19, que obrigou as escolas a mudarem-se para o mundo digital. “Fomos rapidíssimos a reagir! Em três dias, professores, funcionários, todos nós, aprendemos a funcionar de forma remota.” Clara Raposo refere ainda que lidera “pelo exemplo”, ou seja, toma muitas vezes a dianteira quando é preciso fazer alguma coisa, embora

PERCURSO

No verão de 2018, Clara Raposo foi eleita presidente do ISEG Lisbon, onde é professora catedrática de Finanças no Departamento de Gestão desde 2010 — não se formou no ISEG, mas o pai estudou na escola que a filha agora dirige. Antes da chegada ao Edifício do Quelhas, junto à Assembleia da República, em Lisboa, ensinou no ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, durante dez anos e, de 1998 a 2000, lecionou na Said Business School da University of Oxford (Inglaterra). Licenciou-se, no ano de 1992, em Economia na Universidade Nova e recebeu vários prémios de melhor aluna. Fez o mestrado em Economia no Queen Mary & Westfield College da University of London e o doutoramento em Finanças na London Business School.

seja “desgastante”. “Fiz muitos vídeos do meu escritório, com o telemóvel, para enviar aos colegas com as primeiras aulas à distância”, conta a professora, numa das várias iniciativas para manter a união, numa altura em que nos mandaram estar longe uns dos outros. “Foi importante comunicar, pois estávamos todos a navegar no mesmo mar”, sustenta.

Clara Raposo tem estado em teletrabalho e desloca-se ao ISEG apenas uma ou duas vezes por semana. Quando as aulas recomeçarem em setembro, o ensino será misto entre presencial e *online*. “O Governo pede-nos para regressar às atividades presenciais de uma forma mais plena, mas, por outro lado, temos de garantir as regras do distanciamento social” e há limitações em termos das instalações da escola, explica. Considera que por força do novo coronavírus o ensino à distância “deixou de ser tanto um bicho de sete cabeças”. Porém, isso não quer dizer que este seja o novo paradigma, já que “permanecem desconfortos relacionados, por exemplo, com a gravação de aulas, em termos de direitos de autor e de preservação da imagem”.

assantos@expresso.impresa.pt